

## **Desastre Ecológico no Rio São Francisco Causado pela Agrovale em 1984<sup>1</sup>**

Lorena Garcia Aragão de SOUZA<sup>2</sup>  
Jóston Luiz do Nascimento OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Andréa Cristiana SANTOS<sup>4</sup>  
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva analisar o fenômeno do apagamento histórico relacionado ao desastre ambiental proveniente do derramamento de vinhoto na região submédio São Francisco, em março de 1984, destacando suas causas, suas consequências e seus efeitos. Para tanto, utilizou-se de pesquisa documental com jornais da época e consulta a entrevista. Verificou-se os critérios de noticiabilidade que nortearam o agendamento temático e as fontes acionadas, o que permitiu a reconstituição do acontecimento histórico para evocar uma reflexão memorável que traz contribuição para os estudos da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** notícia; memória; vinhoto; desastre ambiental; rio São Francisco.

### **INTRODUÇÃO**

Entre os dias 14 e 15 de março de 1984, os moradores da cidade de Curaçá, norte baiano, foram surpreendidos por um desastre ambiental provocado pelo derramamento de vinhoto no rio São Francisco, causando a poluição da água e a morte de mais de 300 toneladas de peixes (APELO, 1984). O vinhoto ou a vinhaça é um resíduo oriundo da produção dos derivados da cana-de-açúcar, cultura presente na região do Vale do São Francisco desde 1972, quando foi fundada a Agroindústria do Vale do São Francisco S.A (Agrovale), na cidade de Juazeiro (AGROVALE, 2022). Esse resíduo, por se tratar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Semiárido, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 4º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: loregarciasouza@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: joston.oliveira540@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas – DCH da Universidade do Estado da Bahia e sublíder do Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Desenvolvimento, e-mail: andcsantos@uneb.br.

de um composto ácido e abundante em potássio, ao entrar em contato com rios e riachos, torna cursos d' água ricos em nutrientes que serão consumidos por bactérias aeróbias, as quais irão absorver todo o oxigênio presente na água, matando, assim, os peixes por asfixia (ASSENCIO, 2022).

Devido a esse fato histórico ter tido agendamento da mídia, este estudo busca reconstituir o acontecimento jornalístico acerca do desastre, verificando os critérios de noticiabilidade que influenciaram a construção narrativa: da apuração ao desfecho do caso.

Ainda, este trabalho se justifica pelo fato de que tanto a fonte jornalística quanto a fonte histórica devem estar submetidas à análise do historiador e do pesquisador da comunicação, com o intuito de identificar os vestígios que permanecem como rastros, indicando a existência de um passado e de atos comunicativos, os quais podem fomentar interpretações sobre a realidade no presente (BARBOSA, 2019).

Desse modo, a problemática de pesquisa é verificar como esse acontecimento do passado ainda permanece como vestígio que influencia o presente, uma vez que, recentemente, também houve a morte de vários de peixes na mesma localidade<sup>5</sup>.

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma pesquisa documental nos arquivos públicos, com recorte de reportagens e fotografias, a fim de compreender como os fatos foram narrados pela imprensa. Além disso, a busca contou também com informações obtidas ao entrevistar o pesquisador da temática e professor da Universidade do Estado da Bahia, Josemar da Silva Martins, à época residente em Curaçá e testemunha do ocorrido.

Nos acervos Dom José Rodrigues e Maria Franca Pires, localizados na Universidade do Estado da Bahia, *Campus III*, Juazeiro, foram coletados treze registros de algumas edições de cobertura jornalística, como *Gazeta do Vale*, *Jornal Rural da Bahia*, *Tribuna da Bahia*, *Jornal da Bahia*, *O Globo* e *Diário de Pernambuco*. Desse material, dois deles foram selecionados para estudo aprofundado por disporem de um conteúdo mais completo: o jornal *Gazeta do Vale*, editado em Juazeiro, ano I, edição 24, de 17 de março de 1984, e o *Jornal Rural da Bahia*, ano I, Salvador, edição 40.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/11/07/contaminacao-no-rio-sao-francisco-mata-mais-de-mil-peixes-causa-e-investigada.ghtml>. Acesso em: 22/03/2024. Para mais informações sobre o caso, acessar o *link* anterior.

Por fim, buscou-se conhecimento teórico acerca do tema relacionado ao vinhoto e sua conseqüente ação poluente quando em contato descuidado com rios e riachos, bem como referencial para embasar os critérios de noticiabilidade, com a intenção de rememorar o acontecimento.

## **A MORTANDADE**

O *Gazeta do Vale* traz a notícia com a data do acidente em 15 de março de 1984, com registros fotográficos que revelam a mortandade de peixes à margem do rio. O acontecimento é tratado com pesar e mostra, na manchete de capa, um apelo de bom senso pelo salvamento do rio São Francisco. Com tom reflexivo e de alerta, revela uma vontade de sensibilizar o leitor, usando uma linguagem próxima e imperativa, ensejando o fim do descaso com o rio. Ainda na capa, o jornal faz questão de se posicionar contra o ocorrido, porém apresenta um tom de neutralidade, sem considerar possíveis culpados pelo incidente.

Para Wolf (2006, p. 189), “As notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal.” Nesse sentido, a matéria considera o contexto socioambiental do rio São Francisco na vida da população afetada e das áreas afins. É possível encontrar alguns valores-notícia do tipo substantivos constituindo a reportagem, como a morte (ainda que somente a dos peixes), a proximidade do evento para com a comunidade (mesmo aquela que não foi afetada diretamente), a relevância (tamanho o impacto do acidente), o inesperado e a infração (o crime ambiental) (TRAQUINA, 2005).

O texto segue com uma rápida descrição dos fatos, usando fontes oficiais como representantes das prefeituras de Curaçá e Juazeiro, além de relatar a ida de um engenheiro de pesca enviado pela Codevasf, Odilon Jovino de Araújo, para coletar a água em vários trechos do rio, para realizar a sua análise laboratorial. É mencionado o veredito do engenheiro sobre o que teria causado a mortandade dos peixes, a partir de sua visão empírica, antes de as amostras de água serem analisadas em laboratório.

Desse modo, noticia-se que a *causa mortis* da fauna foi envenenamento por um tóxico inorgânico pesado, ao considerar o modo como os peixes foram encontrados (com os rins estourados), descartando a hipótese de morte por asfixia. Ao jornal, Odilon supôs que o acontecimento teria sido causado por derramamento de fungicida ou metais pesados no rio. A matéria também trata dos prejuízos financeiro e ambiental, além da

poluição da água, a qual ficou inapropriada para consumo, fato que incorreu na necessidade de abastecimento de água com carros-pipa nas cidades atingidas.

Apesar de aspectos que demonstram a importância do acontecimento para que este seja noticiável na mídia local e ganhe repercussão de interesse público, a reportagem é finalizada sem detalhes sobre as investigações, que ainda seguiriam durante todo o mês de março daquele ano.

O professor Josemar Martins, que vivenciou o desastre quando ainda era adolescente, considera que com o passar dos anos houve um apagamento histórico relacionado ao episódio, a fim de amenizá-lo, porque é necessário preservar a imagem do desenvolvimento e do progresso promovidos pela indústria na região (MARTINS, 2022).

Dessa forma, o acontecimento jornalístico ainda enseja no presente pesquisas e interesse da mídia, visto que, no ano de 2023, houve nova contaminação no rio São Francisco, o que acarretou, mais uma vez, a morte de milhares de peixes e a consequente investigação em busca da *causa mortis* (G1, 2023).

## **A COBERTURA DO JORNAL RURAL DA BAHIA**

O *Jornal Rural da Bahia*, editado em Salvador, traz na capa a imagem de uma carranca seguida da frase “Mata o velho”, em alusão ao Velho Chico, como é conhecido o rio São Francisco. Esse jornal, ao contrário do anterior, faz uma rica cronologia dos fatos, utilizando subtítulos que organizam toda a linha do tempo sobre o incidente, com a origem, as consequências e o resultado das investigações.

Com publicação de 1 a 7 de abril de 1984, nota-se um intervalo de tempo entre o ocorrido e o desenrolar da trama. A seção carta ao Sr. Leitor chama a atenção para o crime ecológico em uma reflexão sobre meio ambiente, poder econômico e irresponsabilidade com a vida humana e com a dos animais, no que foi considerado o “maior desastre ecológico de toda sua história” (FOI O MAIOR, 1984, p. 1).

Esse documento traz a data do acidente como 14 de março de 1984 e faz um apanhado das consequências do episódio, contendo: o parecer do engenheiro Odilon Jovino de Araújo (citado no material anterior); os depoimentos de famílias; a passeata ecológica sobre a ponte Presidente Dutra, com a participação de mais de cinco mil pessoas de Petrolina e Juazeiro, pela reivindicação de providências para a recuperação

do rio e por justiça para os responsáveis pelo crime ambiental; as suposições durante as investigações (trazendo um informe da Secretaria de Agricultura, pela figura do secretário Fernando Cincurá, com as providências tomadas pelo órgão); além de discorrer sobre a primeira hipótese quanto à responsável pelo crime, uma mineradora, que logo foi descartada.

A cobertura destaca a vinda da Comissão de Meio Ambiente à cidade de Juazeiro, que descobriu irregularidades em instalações de barreiros de vinhoto da Agrovale e o rompimento de um deles, o que provocou o despejo do elemento tóxico no rio São Francisco, por vias do riacho Tourão. Tal descoberta, juntamente ao resultado da análise das amostras de água, comprovou ser o vinhoto a substância causadora da poluição das águas e da morte dos peixes, o que confirmou ser a Agrovale a responsável pelo acidente ecológico. Mesmo diante das acusações, a usina açucareira, representada pelo então presidente à época Cid Eduardo Porto, rebateu as queixas e defendeu-se.

O final da edição relata que teriam sido derramados cerca de 45 mil m<sup>3</sup> de vinhoto no rio, entre os dias 9 e 13 de março, além da descoberta de uma segunda barragem rompida, omitida pela Agrovale à Comissão. A reportagem é concluída com o resultado da análise de sedimentos e mostras de água realizadas pela CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), acarretando à Agrovale multas pela omissão de informações e pela poluição da água, além da instauração de um processo contra a empresa, pela Procuradoria Geral do Estado, mediante relatório com todas as informações do caso e das investigações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, demonstra-se que a comunidade jornalística precisa estar atenta aos acontecimentos ambientais na perspectiva histórica. Para Barbosa (2019, p. 15), “Os vestígios do passado, sejam eles um testemunho ou um documento, só se transformam em fontes históricas no momento em que o pesquisador lhes atribui essa qualificação.” Tal afirmação reforça a importância de o jornalismo investigar os fatos do passado e evocá-los no presente, a fim de que estes se tornem notícias a partir dos critérios de noticiabilidade trazidos por Traquina (2005) e Wolf (2006), uma vez que é papel do jornalista definir, construir e ditar o que é notícia. O apagamento sócio-histórico da memória torna este objeto de pesquisa pouco conhecido ou totalmente desconhecido

pela população, o que convenientemente limita a visão da comunidade para essa e outras situações ambientais, do passado aos dias atuais. Ao tratar dos materiais analisados neste estudo, percebe-se a função do jornal em esclarecer a sociedade a respeito de acontecimentos que trazem impactos no presente.

## REFERÊNCIAS

AGROVALE. **Quem somos**. 2022. Disponível em: <https://agrovale.com/history>. Acesso em: 27/06/2023.

APELO ao bom senso: salvem o rio São Francisco. **Gazeta do Vale**, Juazeiro, n. 24, p. 1-2, mar., 1984.

ASSENCIO, Claudia. Crime ambiental: Cetesb confirma morte de peixes por despejo de vinhaça em afluente do Rio Piracicaba; cientistas explicam o que é o resíduo. **G1 Piracicaba e região**, Piracicaba, 27/05/2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cdrty>. Acesso em: 27/06/2023.

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação, história e memória: diálogos possíveis. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 13-25, (jan./abr.), 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/157646/152952>. Acesso em: 27/06/2023.

FOI O MAIOR desastre ecológico de toda sua história. **Jornal Rural da Bahia**, Salvador, n. 40, p. 1-16, abr., 1984.

G1. **Contaminação no Rio São Francisco mata mais de mil peixes no norte da Bahia**; causa é investigada. 07/11/2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dfxyG>. Acesso em: 22/03/2024.

MARTINS, Josemar da Silva. Professor Pinzoh: “Fiquei apavorado porque o rio estava coalhado de peixes mortos.” [Entrevista concedida] a Lorena Garcia e Maria Eduarda Moret. **Agência MultiCiência**, Juazeiro, p. 1, 17 nov., 2022. Disponível em: <https://multicienciaonline.blogspot.com/2022/11/a-cultura-da-cana-de-acucar-esta.html>. Acesso em: 27/06/2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 8. ed. Barcarena: Presença, 2006. (Coleção Textos de Apoio).